



# A Santa Sé

---

## **DISCURSO DO SANTO PADRE AOS BISPOS DA ESPANHA EM VISITA "AD LIMINA APOSTOLORUM"**

*19 de Fevereiro de 1998*

*Queridos Irmãos no Episcopado!*

1. Com alegria vos recebo, Pastores da Igreja de Deus na Espanha, que formais o terceiro grupo que vem a Roma, a Cidade que conserva a memória dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, para realizardes a visita «*ad Limina*». Dirijo a minha cordial saudação ao Senhor Cardeal Arcebispo de Barcelona, com os seus Bispos Auxiliares; ao Arcebispo de Oviedo, com o seu Bispo Auxiliar e os Bispos de Leão, Astorga e Santander; ao Arcebispo de Tarragona, com os Bispos de Urgell, Lérida, Vic, Solsona e Tortosa, recordando de modo especial o Bispo de Girona, ausente por causa da sua recente intervenção cirúrgica. Através de vós a minha saudação quer chegar aos sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas e fiéis das vossas Igrejas particulares, renovando-lhes o afecto e a estima que lhes devo como Pastor da Igreja universal (cf. *Lumen gentium*, 22).

Agradeço as amáveis palavras que o Senhor Cardeal Ricardo Maria Carles Gordó me dirigiu em nome de todos, para me fazer presentes as vossas esperanças e inquietudes, assim como a caridade pastoral que vos anima no ministério de guiar o povo de Deus, à frente do qual fostes colocados como guias (cf. *Christus Dominus*, 4). Estou-vos reconhecido por isto e asseguro-vos a minha constante oração ao Senhor para que, no meio das provas a que, por vezes, se vê submetida a vossa missão, nunca vos faltem a fortaleza (cf. *Act* 4, 33) e as consolações do Espírito Santo.

2. Na Catalunha e nas Astúrias, em Leão e Cantábria, regiões de profundas raízes cristãs, produziram-se, como noutras regiões espanholas, e continuam a efectuar-se transformações importantes na população e na actividade económica. Com efeito, a passagem acelerada de uma sociedade rural a outra majoritariamente industrial e de serviços, nestes últimos decénios deu origem a uma maior mobilidade das pessoas, cujos centros de interesse e de cultura evoluem, modificando os modos de viver e transformando de maneira muito notável a fisionomia da própria sociedade.

Nos relatórios quinquenais reflectis sobre esta situação, ante a qual vos sentis impelidos a renovar a acção pastoral, determinando as novas condições em que se pode anunciar a Boa Nova e guiar e congregar o povo de Deus, mediante a presença sacramental de Cristo. A este respeito, desejo encorajar-vos para que a Igreja de Deus presente nessas nobres terras continue a ser um lugar de amor e de acolhimento, onde todos os fiéis se sintam irmãos entre si e ninguém seja excluído, sem distinção de origens nem de culturas, de modo que possam ser fermento de unidade, «sal da terra e luz do mundo» (Mt 5, 13).

3. Ao acolherdes o meu apelo a preparar de modo adequado o Grande Jubileu do Ano 2000, vós, Bispos da Espanha, sois chamados a levar a cabo o *Plano de acção pastoral para o quadriénio 1997-2000*, que tem por título «*Proclamar o ano de graça do Senhor*». No mesmo, como eco da minha Carta Apostólica «*Tertio millennio adveniente*», recordais que o «objectivo prioritário do Jubileu é o fortalecimento da fé e do testemunho dos cristãos» (n. 42). Com efeito, a fé, dom de Deus e resposta livre da pessoa, e o seu testemunho fundem-se num só objectivo geral da acção pastoral neste tempo. A respeito disso, é-me grato recordar que, como assinalastes, «para que não se verifique uma separação entre fé e vida, ou ambas caminhem em paralelo sem se encontrar, é necessário estimular e incentivar os nossos fiéis à coerência entre a sua fé e a sua existência cristã, vivida em cada situação pessoal, nas circunstâncias concretas da sociedade actual, na qual emergem novas questões nos diversos sectores, muitos deles também novos» (*Plano de acção pastoral*, 107).

4. Um desses sectores, tão questionado nos nossos tempos, mas tão importante para o presente e o futuro da sociedade, é o da família. Conheço o vosso empenho em defender e promover esta instituição, que tem a sua origem em Deus e no Seu plano de salvação (cf. *Familiaris consortio*, 49). Hoje, assistimos a uma corrente muito difundida nalgumas partes, que tende a debilitar a sua verdadeira natureza. Com efeito, não faltam intentos, na opinião pública e inclusive na legislação civil, de equiparar a família a meras uniões, carentes de forma jurídica constitucional, ou pretende-se reconhecer como família a união entre pessoas do mesmo sexo. A crise do matrimónio e da família impelenos a proclamar, com firmeza pastoral, como um autêntico serviço à família e à sociedade, a verdade sobre o matrimónio e a família, tal como Deus os estabeleceu. Deixar de o fazer seria uma grave omissão pastoral, que induziria ao erro os crentes, assim como aqueles que têm a importante responsabilidade de tomar as decisões sobre o bem comum da Nação. Esta verdade é válida não só para os católicos, mas de igual modo para todos os homens e mulheres sem distinção, pois o matrimónio e a família constituem um bem insubstituível da sociedade, a qual não pode permanecer indiferente diante da degradação ou da perda do mesmo.

Não se pode esquecer, além disso, que a família deve dar testemunho dos seus próprios valores diante de si mesma e da sociedade. «As tarefas, que a família é chamada por Deus a desenvolver na história, brotam do seu próprio ser e representam o seu desenvolvimento dinâmico e existencial. Cada família descobre e encontra em si mesma o apelo inextinguível, que ao mesmo tempo define a sua dignidade e a sua responsabilidade: família, "torna-te aquilo que és"!» (*ibid.*, 17). A este respeito, os Pastores e os esposos comprometidos na Igreja devem esmerar-se em aprofundar a teologia do matrimónio, ajudar os jovens esposos e as famílias em dificuldade a reconhecerem melhor o valor do seu compromisso sacramental e a acolherem a graça da aliança. Os leigos casados devem ser, de igual modo, os primeiros a testemunhar a grandeza da vida conjugal e familiar, fundada no compromisso e na fidelidade. Graças ao sacramento, o seu amor humano adquire um valor infinito, porque os cônjuges manifestam, de maneira particular, o amor de Cristo à sua Igreja e assumem uma responsabilidade importante no mundo: gerar filhos chamados a converter-se em filhos de

Deus, e ajudá-los no seu crescimento humano e sobrenatural.

Queridos Irmãos: acompanhai as famílias cristãs, incentivai a pastoral familiar nas vossas dioceses e promovei os movimentos e associações de espiritualidade matrimonial; despertai o seu zelo apostólico para que assumam a tarefa da nova evangelização, abram as portas àqueles que não têm lar ou vivem em situações difíceis, e dêem testemunho da grande dignidade de um amor generoso e incondicional.

5. Para a defesa e a promoção da instituição familiar é importante a adequada preparação daqueles que se dispõem a contrair o sacramento do matrimónio (cf. cânn. 1063-1064 do *C.I.C.*). Deste modo promove-se a formação de autênticas famílias que vivem segundo o plano de Deus. Para isto, não só se devem apresentar aos futuros esposos os aspectos antropológicos do amor humano, mas também as bases para uma autêntica espiritualidade conjugal, entendendo o matrimónio como uma vocação que permite ao baptizado encarnar a fé, a esperança e a caridade dentro da sua nova situação social e religiosa.

Completando esta preparação específica, pode-se aproveitar também como uma ocasião de reevangelização para os baptizados, que se aproximam da Igreja para pedir o sacramento do matrimónio. Com efeito, como ressaltastes, «depois de terem participado nas catequeses ou nos catecumenatos de Confirmação, muitos adolescentes e jovens abandonam a formação cristã, a qual deverá ser permanente» (*Plano de acção pastoral*, 127). Ainda que hoje, graças à generalização do ensino, os jovens tenham adquirido uma cultura superior à dos seus pais, em muitos casos este nível não se verifica na vida cristã, pois constata-se às vezes não só uma ignorância religiosa, mas também um certo vazio moral e religioso nas jovens gerações.

Neste sector têm um papel importante a desempenhar as comunidades eclesiais que, se experimentaram e podem testemunhar o amor de Deus, poderão manifestá-lo com eficácia e em profundidade àqueles que precisam de o conhecer.

6. Quero referir-me também à urgência de fomentar a catequese a todos os níveis, já que para fortalecer a fé e o seu testemunho se deve intensificar a evangelização, anunciando com ardor Jesus Cristo como o único Salvador do mundo, na realidade íntegra do Seu mistério, manifestada com a Sua vida e a Sua palavra, e confessada pela Igreja. A catequese apresenta a pessoa de Jesus aos homens e às mulheres do nosso tempo para que O sigam, fortalecendo assim a vida no Espírito, que favorece a plena realização humana.

Animo-vos, portanto, a não poupar esforços a fim de que nas vossas dioceses a actividade catequética, aspecto essencial da missão evangelizadora que o Senhor nos confiou, seja levada a cabo contando com agentes rectamente formados e com meios adequados, para oferecer aos fiéis um conhecimento mais vivo do mistério de Cristo. Por isso, aprecio e admiro o trabalho que com generosidade desempenham tantos catequistas nas paróquias e demais centros pastorais, dedicando o seu tempo e as suas energias a uma actividade tão essencial para a Igreja. A ignorância religiosa ou a deficiente assimilação vital da fé deixariam os baptizados inermes perante os perigos reais do secularismo, do relativismo moral ou da indiferença religiosa, com o conseqüente risco de perder a profunda religiosidade do vosso povo, que tem magníficas expressões nas valiosas e sugestivas manifestações cristãs da piedade popular. Encorajo-vos, pois, em vista do Grande Jubileu, a promover uma nova etapa da catequese, que ajude o homem contemporâneo a

estar consciente do mistério de Deus e do seu próprio mistério, e que favoreça uma oração de louvor e de acção de graças pelo dom da Encarnação de Jesus Cristo e da Sua obra redentora (cf. *Tertio millennio adveniente*, 32).

7. Para a Igreja é uma exigência permanente estar presente na educação das crianças e dos jovens, dando uma resposta pastoral às prioridades educativas. Ela fá-lo pela sua opção em favor do homem e pelo seu desejo de colaborar com as famílias e a sociedade no âmbito escolar, propugnando uma formação integral e defendendo o direito dos pais a proporcionarem aos seus filhos uma educação religiosa e moral, que corresponda às suas próprias convicções. Nesta tarefa a Igreja está presente por meio dos educadores católicos, que trabalham inspirados pela sua fé, assim como através das próprias instituições de ensino, o qual é um serviço à sociedade que deve ser reconhecido e fomentado. Numa formação que deseja ser integral não se pode descuidar o aspecto religioso, mas deve-se educar os jovens de forma que contemplem todas as capacidades do ser humano. Neste sentido, respeitando outros possíveis modos de pensar, a Igreja tem o direito de ensinar os valores que derivam do Evangelho e as normas morais próprias do cristianismo.

Contudo, como assinalastes, «o ensino da religião e da moral católicas ou da ética, dentro do âmbito dos cursos elementares e, de modo especial, nos médios ou secundários, tem-se visto marginalizado durante anos pelos poderes públicos» (*Plano de acção pastoral*, 51). Tendo em conta a principal dimensão de serviço, que deve procurar também um contínuo melhoramento da qualidade do ensino e uma cuidadosa escolha e qualificação dos professores que o ministram, animo-vos a prosseguir no esforço por encontrar quanto antes, juntamente com a competente Administração civil, a solução aos problemas pendentes a respeito do estatuto jurídico da área de Religião e do seu professorado.

8. Queridos Irmãos: quis apresentar-vos estas reflexões e fazer-vos partícipes de alguns anelos que, sem dúvida, vos servirão de ajuda no vosso trabalho pastoral. Ao concluir este encontro, quereria expressar-vos de novo a minha alegria por ter compartilhado as preocupações e as esperanças do vosso ministério episcopal, e ter constatado o esforço por revigorar a vitalidade da Igreja nas vossas dioceses. Espero que esta visita ao Sucessor de Pedro, a oração diante dos túmulos dos Apóstolos, assim como os encontros com os Dicastérios da Cúria Romana, sejam para vós uma fonte de dinamismo e de confiança no futuro, em comunhão com a Igreja universal. Exorto-vos a continuar a preparar o Grande Jubileu do Ano 2000 e por meio de vós convido os católicos de toda a Espanha a irem ao encontro dos próprios irmãos, para lhes anunciar esta Boa Nova.

Que a Virgem Maria, tão venerada nas vossas terras, e em cujos santuários de Covadonga e Monserrate tive ocasião de me prostrar, pedindo a sua maternal protecção sobre essa porção importante do Povo de Deus que peregrina naquelas terras, vos ajude na missão episcopal. Com estes sentimentos, é-me grato conceder de coração a Bênção Apostólica a cada um de vós e a todos os sacerdotes, religiosos, religiosas e fiéis das vossas dioceses.

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana